

PORTUGAL ARTISTICO—Um trecho dos claustros dos Jeronymos em Lisboa

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Repub<sup>l</sup>ica, 91

BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregue accresce o importe das despesas

*Extrangeiro*—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

OFFICINAS

—DE—

*Escultura e Pintura*

—DE—

*Teixeira Fanzeres*

Garante-se perfeição em todos os serviços

*Preços sem competencia*

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

# Livraria e Papelaria CRUZ & COMP.<sup>A</sup> (Editores)

121, Rua Nova de Sousa, 133—BRAGA

Telephone n.º 29

Telegrammas:—**CRUZ LIVRARIA**—BRAGA

Casa fundada em 1888

Editora de muitos livros approvados e adoptados em todo o paiz, para o ensino primario, normal, secundario e superior e de muitos volumes religiosos, litterarios, etc. etc.

Remette-se o catalogo a quem o requisitar.

**BANCO POPULAR PORTUGUEZ**

SEDE NO PORTO

**46—Rua do Loureiro—48**

Com representação em todo o paiz

EM BRAGA:

Manuel da Conceição Rocha & C.<sup>a</sup>

**ABRE BREVEMENTE**

Paramentaria, Sirgaria e  
Artigos militares

—DE—

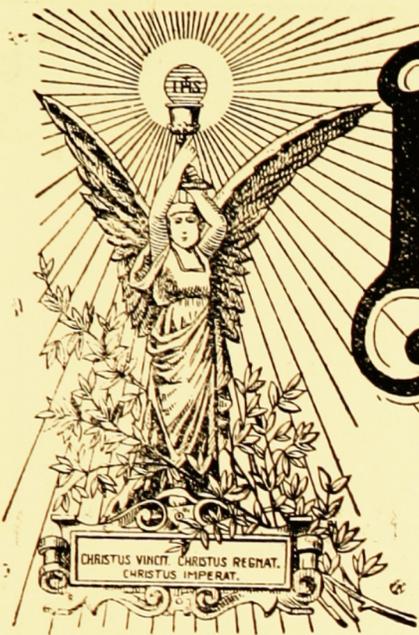
**RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA**

99, Rua do Souto, 101

**MISSAES**

BRAGA

**BREVIARIOS**



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 23 de Junho de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

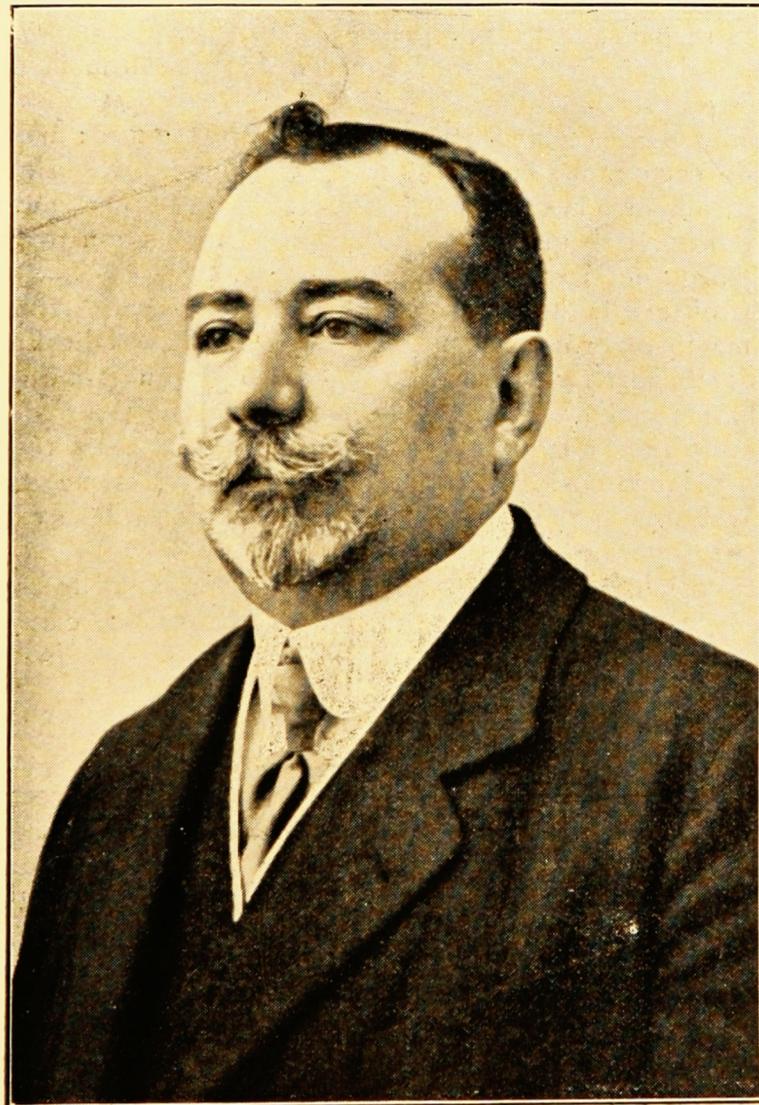
Numero 208—Anno IV



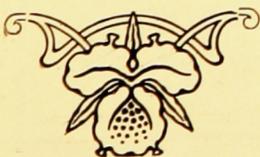
E' com a maxima satisfação que estampamos, hoje, na «Illustração Catholica» o retrato do Ex.<sup>mo</sup> Senhor Manuel Avelino Pinto Braga, incansavel e infatigavel Presidente das festas ao S. João.

A' sua iniciativa e boa vontade se devem no presente anno a realisação das festas São-joaninas.

Sempre prompto em auxiliar tudo quanto seja para interesse da sua terra natal, Pinto Braga, é já muito conhecido pelos seus actos de benemerencia e pelo seu interncido carinho pelos pobres, de que é um desvelado protector.



Manuel Avelino Pinto Braga  
Presidente dos festejos ao S. João



# Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Hespanha



Hespanha atravessa uma crise difficil, vive talvez a sua hora mais incerta. A politica da transigencia mostrou o seu reverso fatal: a revolução. Os fumos de democracia coroada, que cegavam a phantasia de Affonso XIII, dissiparam-se e deixaram bem á vista, a poalha da indisciplina. Ha duas ou tres semanas, aqui n'este mesmo lugar,—e mal suspeitavamos que o vulcão tão cedo irrompesse,—predissemos um desastroso fim a essa politica nefasta d'equilibrios e d'acrobaticismos, que ha cinco ou seis annos, revolve e subverte a nação visinha.

Mas a cratera estalou mais cedo e revelou em erupção perigosa, a collectividade mais necessaria á manutenção da ordem e do poder. Foi no exercito que a lava explodiu e logo os avançados teceram as malhas estreitas d'uma revolução — que Deus louvado! —abortou. O exercito não quer revoluções: quer ordem; não quer transigencias: quer justiça, quer honestidade, prudencia nos programmas do poder.

Quer garantias d'ordem e administração. Está cansado, farto, de situações e de governos fundando-se em concessões que vexam e em fraquezas que ameaçam, quer afinal uma politica rasgada, leal de prudencia e de defeza e com o exercito, que desfralda esta bandeira de salvação, está a grande massa dos que trabalham, dos que pensam, dos que querem progredir.

As juntas de Barcelona não fulminaram um regimen: fulminaram a politica d'um Rei, que devendo encarar a situação de frente e seguir a estrada larga do conservantismo, preferiu addiar, addiar, em passeatas e digressões, pelos caminhos asperos d'um liberalismo perigoso. Foi por isso que o partido liberal se fraccionou em grupelhos: foi por isso que a manha gallega de Besada gisou a scisão de Dato e o afastamento de Maura. Affonso XIII não ousava ir directamente ao fim, impressionado talvez com o sonho de democracia de manto e corôa em que tanto se obstinara o radicalissimo e desventurado Canalejas e os ambiciosos crearam grupos e patrulhas que contra-scenassem no tablado politico. Já fiz um dia, n'esta mesma revista, uma historia rapida do *maurismo*, para que seja necessario repetir as agudas phases d'essa verdadeira revolução pacifica do «*Maura si*» e do «*Maura no*» Mas o que affirmei e repito é que todo esse pittoresco *rigodon* politico se esboroaria ruidoso no dia em que os campos se extremassem. E os campos extremaram-se agora.

O Rei cosinhou á pressa um governo conservador trazendo ás responsabilidades da pasta da guerra, uma velha gloria das campanhas do carlismo e das revoluções cubanas, um velho capitão-general de grande prestigio, ousado e galhardo como um guerreiro antigo, vivo e agudissimo como bom andaluz que é.

Mas o velho Primo de Rivera vem n'um gabinete chefiado por Dato, homem de grande valor e seriedade, mas com o encargo de cabecilha da scisão que fomentou e fez triumphar como instrumento de Besada, no seio dos conservadores.

E' ainda, portanto, uma solução intermedia; é ainda o sedição processo do addiamento, valendo á situação. Mas contentar-se-ha o exercito com este novo *truc* politico!? O prestigio e valor militar do velho heroe de Stella bastarão para conter a irada marzeia?

Os factos responderão dentro de dias, mas é de reccar a attitude dos officiaes, que no momento em que enviavam ao governo a mensagem-ultimatum, pensavam já no procedimento a adoptar, caso fossem rechassadas as suas pretensões. E se um pequeno grupo advogou o jaymismo, um terço de desvairados volou pela republica, a grande maioria manifestou-se pela aclamação do general de cavallaria D. Carlos Bourbon, cunhado do Rei.

Affonso XIII joga uma perigosa cartada de *tutti*. *A ver si canta las cuarenta!*? Desejamo-lo de todo o coração... Por elle e pela grande e laboriosa nação irmã...



Coimbra.—O gaiteiro e os homens dos bombos junto á Porta Ferrea



A saída do cortejo

## FESTAS ACADEMICAS

### O 4.º anno de Direito de Coimbra

Os estudantes do quarto anno juridico foram na segunda-feira jantar a Penacova.

As más linguas tentaram perverter o significado da união gastronomica do curso, apodando-a de — jantar de confraternização.

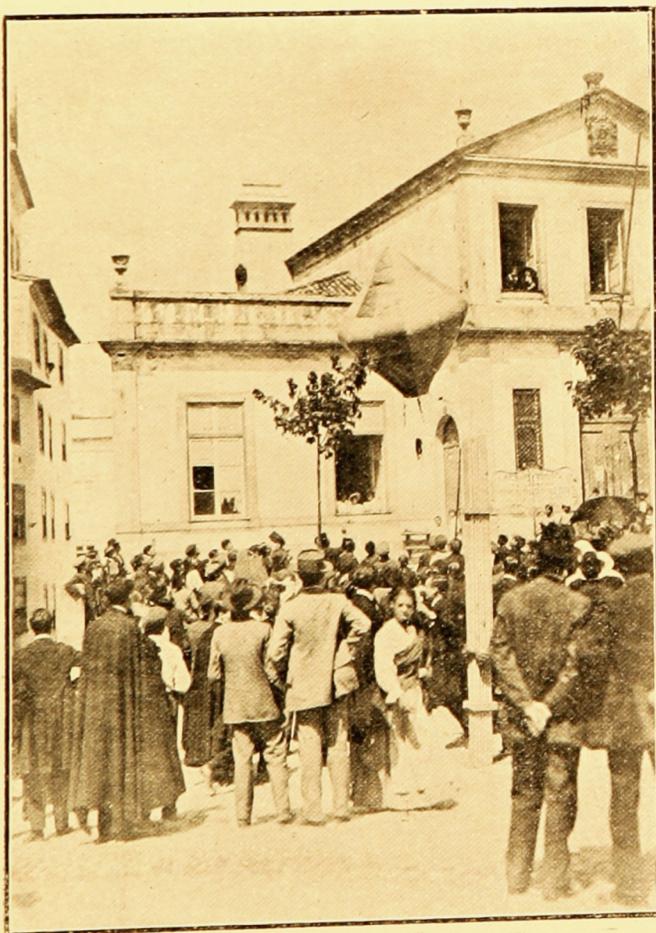
Pessoas houve tambem que usaram a fórmula "jantar de confraternização,, com uma ingenuidade de dictionario, esquecendo-se de que nada pode o sentido etymologico dos vocabulos, contra viciamentos d'uso que lhe deem um significado pejorativo.

O que é um jantar de confraternização?

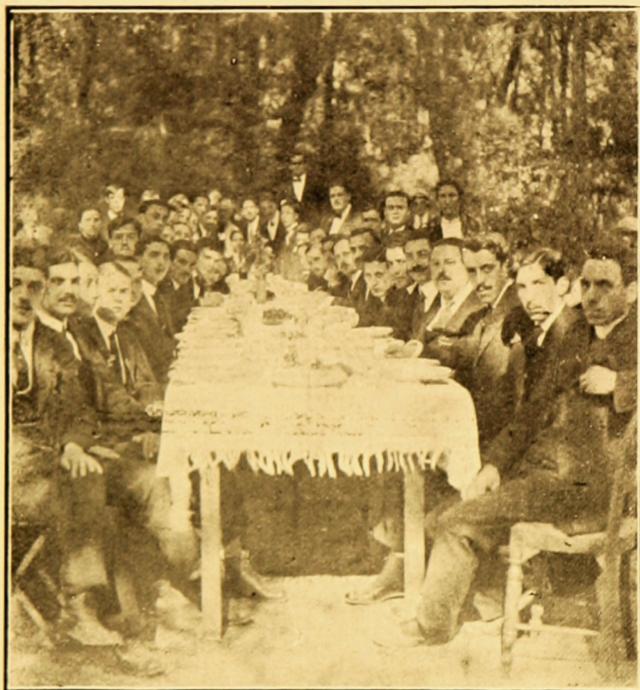
No sentido corrente da expressão, é aquelle em que se põe frente a frente certo numero de officiaes do mesmo officio, tendo por fim permittir a varios d'entre elles a manifestação da bossa theatral e sardonica de cada um em relação a qualquer ou quaesquer dos presentes, que por sua vez põem á prova presença de espirito e jogo physionomico, ao agradecerem commovidos.

Ora o curso do quarto anno foi jantar a Penacova para ter occasião de se reunir sem ser nos geraes ou salas de aulas; e a união é grande de mais para jantares de confraternização terem cabimento.

Ao meio-dia, do largo da Feira largou um balão leván-



Queima das fitas e a largada do balão



do para o incognito do seu rumo as fitas, poupadas por um feliz destino e proibição policial, ao tradicional *auto de fé*.

Os melhores batedores de Coimbra deram cabal demonstração de excellentes mãos de redea, estreda de Penacova fóra.

A' cabeça do cortejo, um terno de gaiteiros, com a maxima probidade e convicção artisticas, mal conseguiu sensibilizar a despreocupada companhia com partituras afins da *Heroica*, e da *Cavalgada*.

Em Penacova jantou-se; era a mesa longa e estreita; mas apesar de haver cabeceiras, não se olhou a convencionalismos de centro, direita e esquerda; não houve saudações amarellas nem physionomias de estudo; não se attribuiu a ninguem preferencia ou prioridade . . .

1 - Alguns quintanistas em Penacova.

2 - O jantar em Penacova.

3 - Em Penacova.

(Photographias dos quartanistas Antonio Madaíl e Cunha e Costa.



Novos companheiros de tavola redonda, sentindo n'alma a nivelação de todos, nem de longe assomou na atmosphera dos espiritos a ideia do «hoje tu, amanhã eu» dos — jantares de confraternização — . . .

Voices várias exteriorizaram este commum sentimento : levantou-se uma faça a evocar os nomes dos que alli faltavam, companheiros ausentes em terra extranha, onde ajudavam a escrever novas paginas de gloria, igual á dos cavalheiros de Arthur.

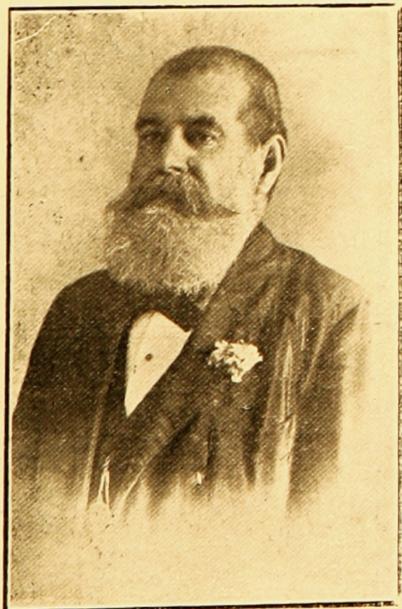
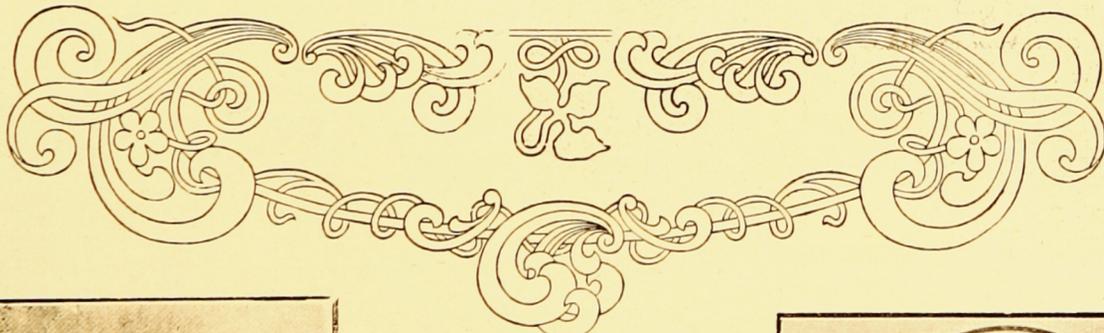
Com enthusiasmo e saudade se ergueu o pensamento até á altura d'onde se enxergasse terra de França, e o olhar d'alma pousasse no campo de batalha em busca d'esses ausentes irmãos, da familia que em Penacova se reunia em Tavola Redonda.

Pela noite de luar viu a estrada de Penacova passar o cortejo de carros retirando sobre Coimbra.

E duas impressões ficarão por certo d'este dia, no espirito dos quartanistas de Direito de 1916-1917: a primeira concretizou—a *Levita*.

«Quando um dia, no futuro,  
Olharmos a mocidade,  
Hemos de ver este dia  
Com o fogo da saudade . . .»

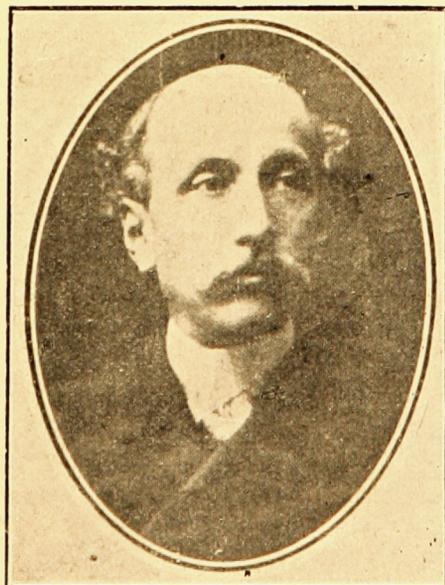
Esta, de ordem moral. A ou'ra de ordem tympanica, é a da má ventura do gaitreiro, incomprehendido na sua arte, novo estheta levando a vida ao acaso dos velhos rapsódos, que ao menos d'âlem-tumulo viram a glorificação dos seus carmes, glorificação de que o triste gaitreiro desespera para as suas melodias, comquanto talvez conte, como elles, vir a morrer ao abandono, mal o folego lhe falte para dar á sua arte a intonação beilica da *Cavalgada* e da *Heroica* . . .

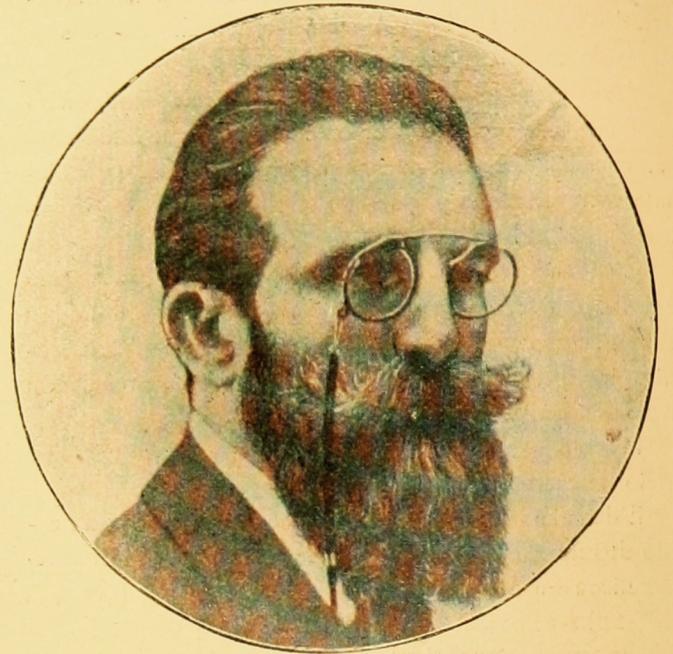


Teixeira de Souza antigo politico, e chefe do partido regenerador depois da morte de Hintze Ribeiro, ultimo presidente da Monarchia, onde foi tambem ministro varias vezes. Fallecido ultimamente no Porto.

O importante capitalista João Marinho Bastos, fallecido em 6 do corrente. Era natural de Celorico de Basto, onde era muito estimado pelas boas qualidades de caracter.

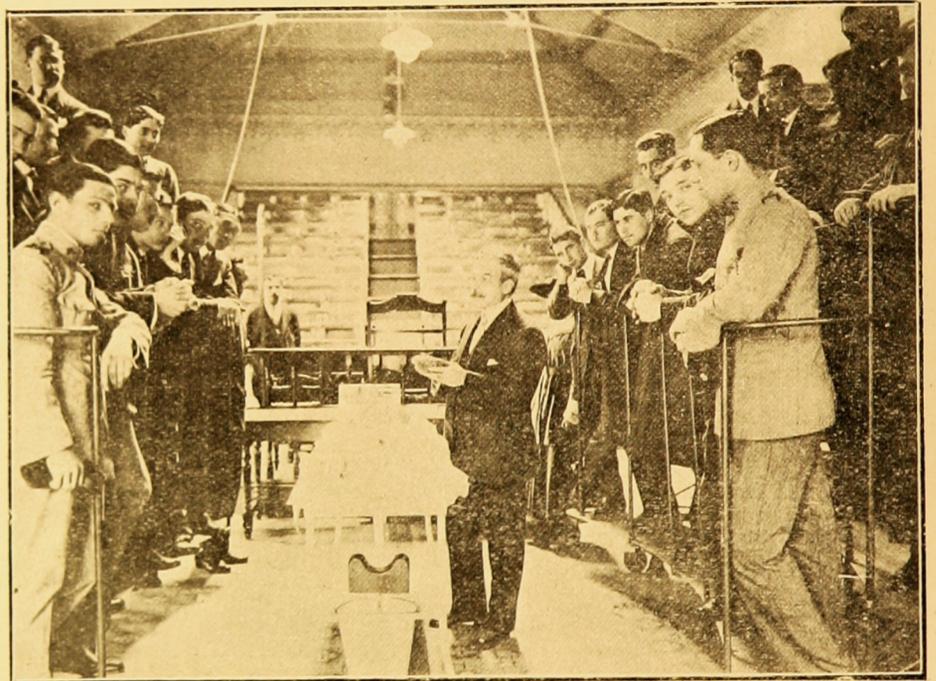
Dato, novo presidente do ministerio hespanhol.





1—O rei Constantino da Grécia que recentemente abdicou o throno. Ao lado está o príncipe real.

2—José Gutierrez Guerra, que foi eleito presidente da republica da Bolívia.



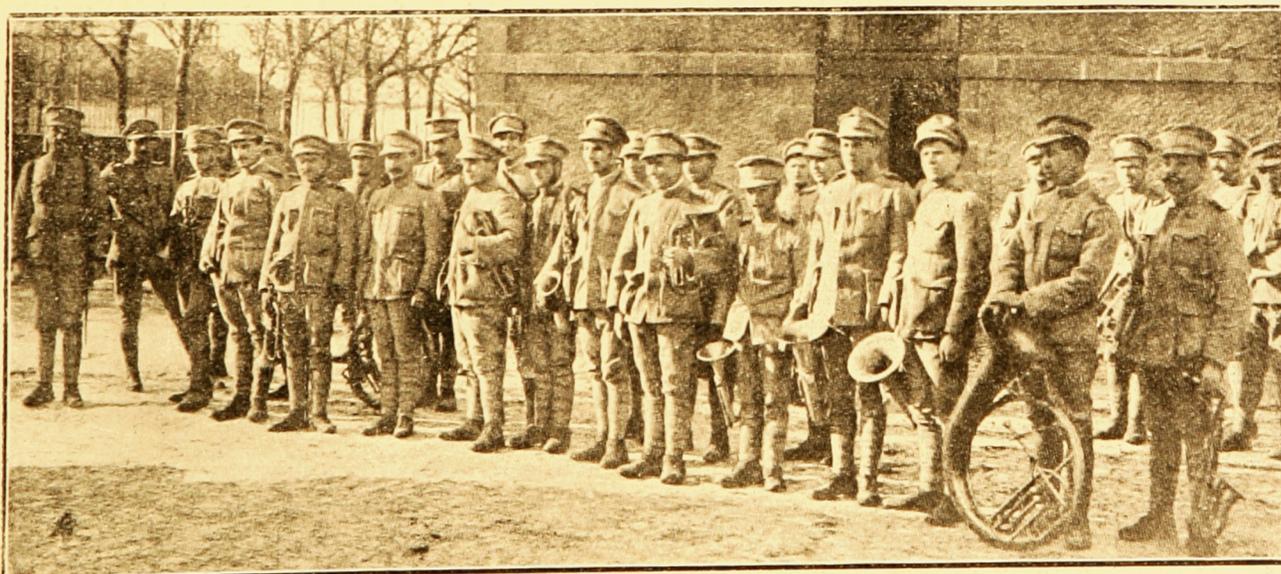
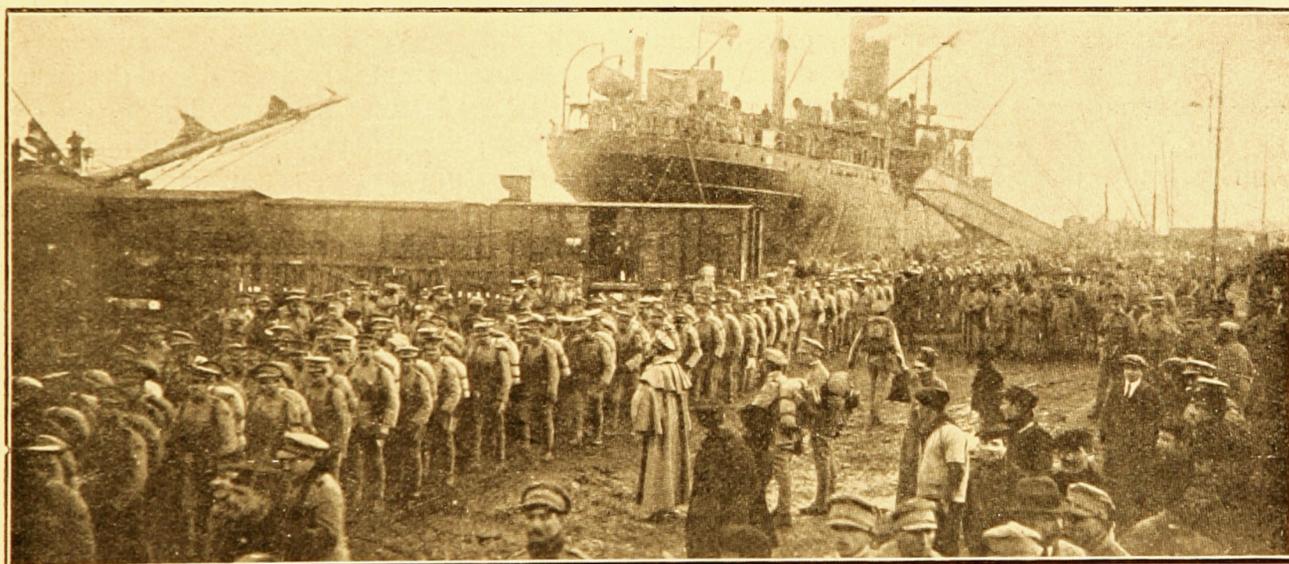
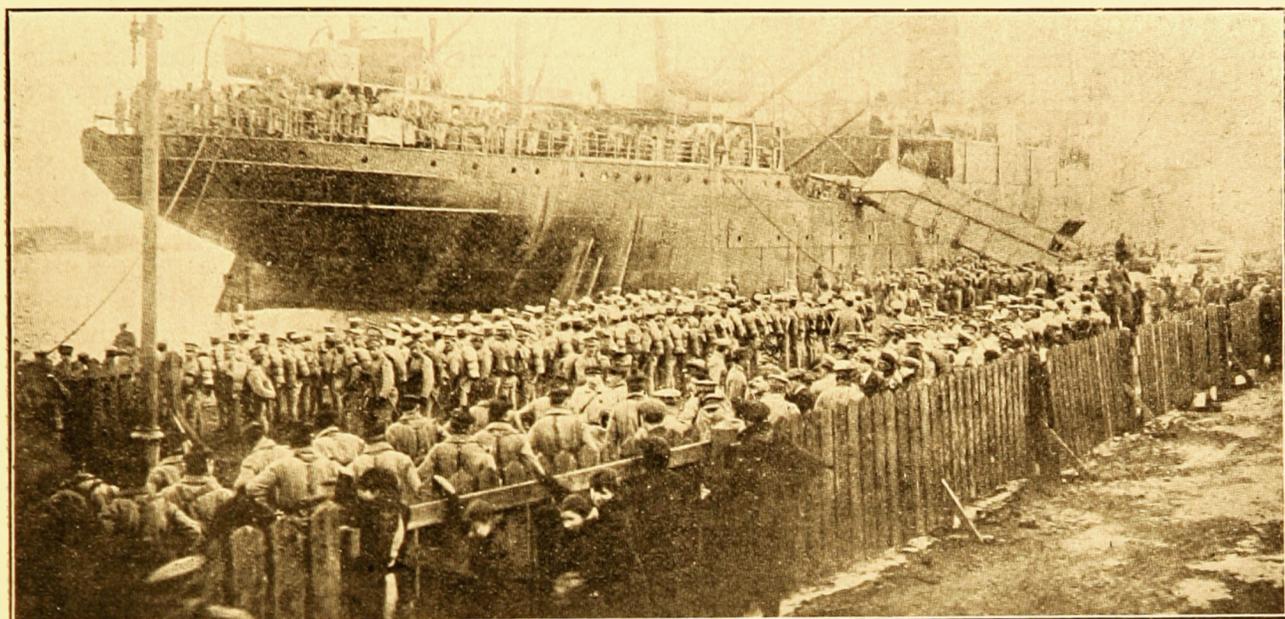
1—Porto:—O Snr. Dr. Luiz Viegas, professor da Faculdade de Medicina dando aula de anatomia descriptiva.

2—O Rev. Parocho de S. Martinho de Sande acompanhado das creanças da catechese e parochianos num peregrinação ao Sameiro.





# Portugal na Guerra



*Tres aspectos do desembarque das tropas portuguezas em Brest (França)*

# CHRONICA DA SEMANA

Sob o calor...

**C**hegaram os fortes dias de calor, e ao passo que pelos campos, a luz vibrando altíssima parece fazer ouvir palpitações de arterias infladas, nos tufos de folhagem das copas, nos doces das ramadas, nas manchas fulvas dos centeios, em toda a viridencia translucida dos panoramas ruraes regorgitantes, aqui pela cidade um ar atabafado demora as respirações, e a luz batendo as empedradas ruas arranca dos parallepipedos graniticos, reflexos ardentes como o das fornalhas, as arvores immobilizam-se e no zumbido que a soalheira do meio dia antigo põe nos ouvidos, o rumor vago da cidade que falla; os gritos pregoeiros e o rodar dos carros e *autos* incessante irritam ainda mais a coruscação do sol, e o aturdimento dos que trabalham, derreados.

Ha um anciado desejo de que o crepusculo comêce para que cada qual se refugie em casa, a pôr-se á *vontade*, té que a noite permita de novo receber as aragens do mar, em deambulações interminaveis pela cidade baixa ou ás mezas dos jardins-cinemas, entre dois ou tres cópos de cerveja geláda, ao zangarreio das orchestras, sob umas arvores que alli ficam todo o anno prisioneiras para dar a illusáo carinhosa dos oásis... Bem que a bocca dos barracões dos *cinemas* continúe a devorar todas as noites a onda do povolêu suggestionado pelas piruêtas uniformes de Cretineti, nelas pôses trágicas de Bertini, a excitar porcamente os cupidos olhares d'alguns quarentões malsãos com os colleamentos voluptuosos da plástica de actrizes degradadas e a affrontar com a estafada trama de adulterios procazes a honestidade e a decencia, — é para os jardins-concêrtos que agora o publico desce em tardos passos, durante o sopôr das digestões, ali chalrando, ali procurando esgotar as nervosidades accêsas na azáfama diurna.

Porque até isto tem de máu a cidade n'estes dias; afugenta de casa! E afinal sahidos d'ella, nós não vimos cá abaixo espiritualisar-nos um pouco, repousar, ah! vimos receber as tristes novas da vida que tritura victimas e victimas sob as rodas pesádas do seu carro, sentir tantas, tantas vezes a mordedura da intrigalhada irrequieta, palpar a corroida estatuêta humana a vêr se do seu barro se deslascou mais uma esquirola...

O marulho dos boatos politicos vem alli têr comnosco: é o eterno *que ha de novo* seguido de resposta prompta e imaginosa. Agora o estribilho é a revolução em Lisboa, que está para brêve, como sempre; e para que o boato fique bem pintado, apparece o inevitavel X, official, que chegou na véspera e fallou lá na Lysbia com fulanos e cicranos democráticos...

Esgotado o *stok*, vem á balha a guerra — o grande assumpto. — Você que lhe parece?

A gente vae dizendo umas coisas imprecisas, anodynas, que leu.

— Não se sabe nada...

E como a censura official nos quér manter em jejum forçado acêrca de noticias verdadeiras, eis que o boato já creou um novo personagem:—o cidadão que ás escondidas recebe *El Debate* ou foi a Hespanha ha oito dias...

Porque, eis o factô, a censura tem sido a mais carinhosa propulsora da desconfiança publica perante os telegrammas da guerra. Ninguem acredita nos seus titulos e muito menos na sua prosa. Ninguem. E esta desconfiança foi já capaz de aguçar um certo espirito de critica rudimentar ás operações militares. D'antes, lia-se a gazêta hespanhola mas não se pensava; o leitor concluia apenas para o seu sentimento. Agora não: raciocina, o que equivale a dizer, convence-se, assegura e enraiza as suas opiniões, torna-se intransigente.

Pôde a Havas gastar em typo seis no *Diario de Noticias* a melhor defeza da Entente, que nem por isso o leitor a considera justa, se os factos não lhe demonstram que os allemães vão a caminho de Berlim...

Só a censura creou este estado de espirito, por debaixo do qual ha uma grande dôr pelos soldados que desembarcam em Brest. E' fallar n'elles, e ouve-se logo:—coitados, Deus os proteja!... Na Cathedral, ha quinze dias, quando o grande orador que lá se fez ouvir, evocou estremecidamente os seus sacrificios, atravez dos quaes a alma da raça se illumina e quase se reduz, resignada, á sua ideal essencia, — eu vi lagrimas em todos os olhares.

E' certo, é certo que o sr. Norton de Mattos, ao regressar, poderá repetir o verso de Gil Vicente:

„Vós não haveis de mandar  
Em casa somente um pello;  
S'eu disser isto é novello,  
Haveil'o de confirmar.  
É mais quando eu vier  
De fóra, haveis de tremer;  
E cousa que vós digaes  
Não vos ha-de valer mais  
D'aquillo que eu quizer.

E' certo. Mas elle não poderá obstar a que lentamente, auxiliada pela censura e por outros mil casos que supúram em forma de accusações no parlamento, a visão dos sacrificios a que a negridão do futuro não deixa vislumbrar, sequer um fraco premio vá modelando o estado d'alma de todas as classes, fornecendo-lhe um estranho vigor de resistencia que amanhã poderia dasfechar como na Hespanha.

E é fácil perceber-lhe o sentido: — se a Inglaterra official está organisando (como posso garantir) a sua propaganda em Portugal, é porque presente que agora, mais que nunca, ella lhe é mais precisa no povo, que não afina já o seu diapasão pelos governos... F. V.

## © conceito da estética



EDITAVA, pouco ha, sobre as ideias estéticas em nossa Pátria, dolorosamente surpreendidas por uma crise avassaladora, que é a crise da imprecisão, do vago, do imponderável. E meditava sopesando dois conceitos de Arte, que antes ouvi proclamar. Um dizia que Arte, por sua natureza, é oposta à verdade: outro afirmava que as Democracias, por natureza também, assassina a Arte. Tenho que repudiar um e outro conceito, porque, para os admitir, teria que tirar a conclusão de a Democracia e a Verdade serem termos equivalentes. E longe de mim querer afirmar coisa alguma que possa parecer opinião política...

Nós temos, evidentemente a ideia do belo e a ideia do feio. A estética não é mais que a disciplina do espirito que traça normas, para apreciar a qualidade de beleza possuída pelas coisas, pelos seres. A Arte é a representação das coisas e dos seres, frisando á nossa percepção as qualidades belas que os exornam.

A suprema verdade, seria pois, a suprema beleza; e a representação artística de um objecto feio só seria bela, enquanto verdadeira, isto é, como representação proporcional do objecto que inspirara o artista.

Ora assim suposta a Arte, é impossivel negar-lhe uma função social. E se o artista levado por não sei que miragem perversora, arrebatado por um caldeante simun, envenena a Arte, pondo-a ao serviço do mal, comete um crime, perpetra quasi um sacrilégio, servindo-se de formas artísticas, para patentear ideias abjectas,

Não é menos perversor o conceito de que a Arte se não fez para as multões. Pois para quem? Para raros eleitos? Quanto mais facil não é encontrar verdadeiro sentimento artistico entre a modéstia de puros camponeses, do que nas requintadamente pervertidas cidades onde se acotovelam pretendidos estetas?! A Arte é uma scintila brilhante da divina luz; algo que de perto toca a nossa alma, por Deus creada para o bem, e o ideal da Arte, o ideal do sentimento estético posto em acção será, necessariamente, mover as faculdades sensitivas e emotivas da alma, apresentando-lhe, com a verdade de caracteres belos ou horrendos, objectos dignos de amor ou de execração. O que não pode ser outra coisa senão falsear o conceito da Arte, e cometer um crime social, é — como ha tantos exemplos — pintar a dissolução com côres dôcemente esbatidas, e prégar como estética suprema, o requinte sensual de falsidade que escreve à luz de velas em pleno dia, frases musicais cantando a graça da mentira e a doçura da corrupção. Fazer Arte dêste impuro e anti humano modo, não é possuir o conceito da Estética; é depravar todas as belas aptidões do homem, e intoxicar as almas dos contemporâneos.

Restringindo á estética literária o que da Arte em geral poderíamos em muitas páginas escrever, eu confesso que não é sem grandissima dôr que vejo lapidadas composições literárias, occultarem no brilho da fôrma as pústulas maligníssimas de uma corrupção social manifesta. Desde que Satanás foi cantado pelo italiano Carducci, não se escreveu, porventura, mais corrompida ideia do que esta: «Arte quer dizer — mentir bellamente». — Porque, sobre ser falso este conceito, êle é enquadrado por diluidas, imprecisas, vagas afirmações de estéril subjêctivismo, entre as quais, em todos os tons, de todas as escalas da fôrma literária, se repete, como tenebroso *lied* do proprio Lúçifer: a Mentira é a beleza! a verdade é antiartística! Não era, por certo este o pensar de Horacio quando escrevia:

Humano capiti cervicem pictor equinam  
Jungere si velit, et varias inducere plumas  
..... risum teneatis, amici?

Ao Flacco movia ao riso a ficção: talvez porque não aprendera ainda da moderna escola que só a ficção é arte. Oh, não: que a poesia seja verdadeira criação, e que grandemen'e bela possa ser uma imagem irreal, de acordo estou. Mas neste caso a verosimilhança substitue a verdade. E a verosimilhança na Arte é uma espécie de verdade, porque é uma verdade ideológica.

Não é, portanto, da ficção, no sentido da criação poética, que o filósofo cristão fala com anátema: é da outra, da que pinta a mentira com deleite, e o mal com apeteçiveis caracteres: Nêste caso a obra pretendidamente estética é uma infecção social, e urge exterminá-la, como se ataca um foco de epidemia.

Nas condições, todavia, em que vive hoje Portugal, ha mal maior ainda, se maior mal se pode imaginar. E' a linguagem pretensamente hierática, com que se dá brilho ao impreciso: é a desorientação; a falta de critério, muito conscientemente imaginada para veículo do subjêctivismo em tudo: na Religião, como na Arte; na Metafísica como na Literatura. Salvem-se, nêste dilúvio cachoante, ao menos os grandes princípios; e não se perca o justo critério da Estética, se é, porventura, possivel, pôr um dique robusto a tão velozes catadupas.

J. RIBEIRO COELHO

# Uma Pagina d'Arte

## Musica e Theatro

(Por esse mundo fóra...)

Meu presado amigo.

**D**EIXA-ME sorrir com a tua carta. Podias ter dito em duas palavras o que disseste em duzentas. Mas nós somos assim. O sol esquentá-nos a alma e destráva nos a lingua.

Queres então mais alguma coisa sobre Arte?

Ahi vae. E' um necrológio.

Escolhi para te escrever um dia solemne. Um dia de feira.

Porquê um dia de feira? A razão é talvez mais simples do que te parece. Trago a cabeça, azoeirada da rua. E então afasto-me do povoléu, isólo-me, encontro-me, dou largas á minha phantasia... e escrevo.

E' a mesma razão porque tambem, ás vezes, no desolação salão dum tribunal, entre os juramentos falsos das testemunhas, eu imagino uma *camera* sem ruido, em tapêtes sanguineos do oriente, cortinados de espuma, a luz crepuscular das lampadas quasi extinctas, e o arco de *won* Wechsel a tangêr uma *ballada*, no seu *stradivarius Imperor*...

(Meu pobre e querido *won* Wechsel! Hoje ninguem pode falar de ti com o carinho doutrora. Nasceste numa nação ultrajada—e os discipulos de Camille Saint-Saen amaldiçoam-te. Mas nem por isso o teu genio é menos grande, o teu violino é menos puro.)

*Won* Wechsel faz-me lembrar Stefaniaie. E' um pianista... *inimigo!* Admiro-lhe duas coisas: a *bravura* dos seus *galopes*... e a elegancia dos seus sapatos de baile.

Padererosky, por este andar, fica arruinado. Polonêz, até á medula, distribue pelos seus compatriotas dispersos, pela sua triste nação crucificada, os *oitenta mil reis*, que tem ganhado em cada *minuto* de *concerto*. O que lhe vale é que segurou as suas mãos infantis, numa companhia americana, por cem contos cada uma.

E por fallar na America: Os Estados Unidos lançaram com grande successo o *trust* da vóz de Carúso. Já sabias? Tambem quizeram (oh! ceus!) *monopolisar* Sarah Bernhardt. Mas a iminente Rosine tem a vida suspensa por um fio, dos designios de Deus e dos implacáveis e dextros bisturís dos cirurgiões do *Instituto Carnegie*.

Não sei o que é feito da Adelina Patti.

Baixou de marquêsa de Came a baronêsa de Caederstrom. Para uma *diva* galante como ella, hespanhola puro sangue, foi um excellente trambolhão!

Christina Nieson, «o rouxinol da Suecia» e a mais gentil *Margarida* do *Fausto*, depois condessa de Casa-Miranda, ignoro se já morreu. Margueritte Carré é enfermeira nas ambulancias. A endiabrada Ida Rubinstein sustenta um hospital á sua custa. O tragico de Max, societário da *Comedie-Française*, o unico successor de Monnet-Sully, trocou o manto de *Ocdipe Roi* pelo uniforme de soldado.

O tenor Paoli continúa sem memória...

E acabou se!

A guerra martyrisou a Arte. Dispersou pelos quatro cantos do mundo todos os grandes pintores, todos os grandes architectos, todos os grandes musicos, todos os grandes esculptores, todos os grandes poetas.

Fez convergir para os hospitaes, em vez da santa piedade das *Irmãs*, o *flirt* escandaloso das actrizes.

Mas isso ainda era o menos.

Rasgou e dilacerou, sem um tremôr de compaixão algumas obras primas da escola flamenga e da escola italiana.

Destruiu egrejas e capellas, onde se abrigaram as reliquias dos santos e os votos humildes dos fieis,

Fez voar em estilhas os coruchêus, as gárgulas, os vitraes, os florões, as rosáceas de Nossa Senhora de Reims...

MANUEL SEMBLANO.

# PALESTRAS DE ARTE CRISTÃ

## XXII—Critica. Escolha do assumpto.



**T**RATAMOS já summariamente da technica da arte. Vimos como é que o artista trabalha nos diversos ramos das artes plasticas. Não basta porem este conhecimento para apreciar convenientemente uma obra. Precisamos de saber alguma coisa acerca dos problemas que o artista tem de resolver ao começar um trabalho de valor.

«Uma obra artistica, diz Groni Gondi a quem iremos seguindo nesta serie de palestras, é no seu genero perfeita e bella quando fôr *bem desenhada, exacta nas proporções* e no *claroescuro*, quando o assumpto fôr *convenientemente disposto e ordenado*, *exprimir com efficacia* os sentimentos internos, *corresponder ao tempo* a que pertence e *ao fim* para que se destina.» (o. c. p. 26) O desenho, as proporções, o claro escuro constituem os problemas da *forma*, a disposição, ordem, expressão etc. dizem respeito ao conteúdo, *à ideia*.

O critico de arte deve ver se o artista soube resolvê-los e como. Nisto consiste o seu officio, para isto precisa de formar o seu criterio inteirando-se dos preceitos que os grandes mestres formularam e dos que se deduzem do estudo da historia da arte. Só assim o seu juizo será objectivo e completo, só assim evitará as phrases ôcas e infladas com que muitos dos nossos contemporaneos encobrem a sua ignorancia, ou os juizos unilateraes nascidos do erro de apreciar uma obra sómente por uma das suas qualidades.

Os elementos da ideia são tão essenciaes na arte como os da forma. Sacrificá-los a estes seria imitar os oradores que se esquecem das ideias para se embriagarem com o ritmo e sonoridade das palavras. Começemos pois pelo seu estudo.

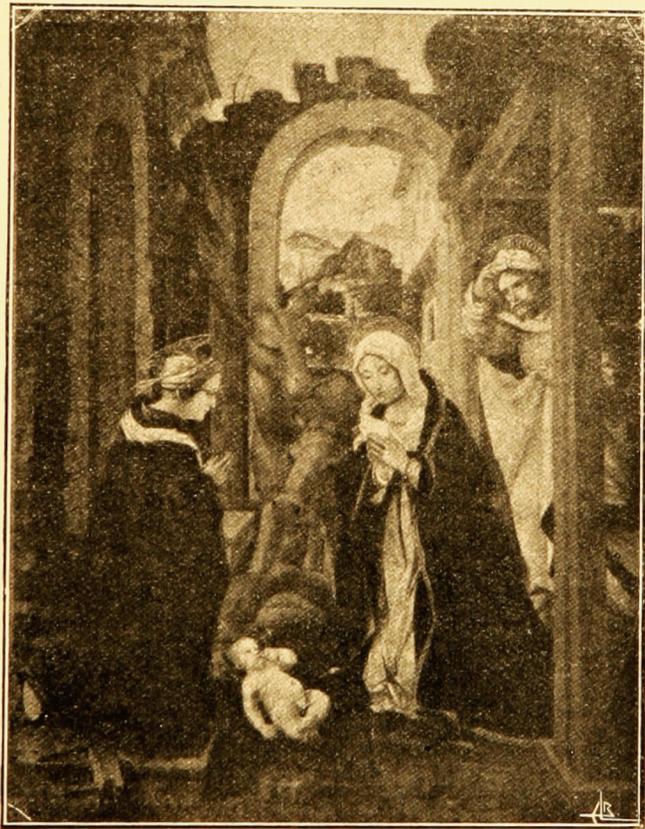
O primeiro trabalho do artista é a escolha do assumpto. Neste ponto todo o homem é filho da epocha em que vive; as condições sociaes do ambiente em que se move influem poderosamente na sua educação; as ideias e preocupações litterarias dos contemporaneos, a sua religiosidade e cultura ascetica, a maior ou menor riqueza, a protecção e apreço dada ás artes, o criterio esthetico dos compradores, são outros tantos factores que limitam ou ampliam a liberdade da escolha.

Na arte religiosa a tradição ecclesiastica já desde os primordios do christianismo dava aos artistas orientação bem definida. «A disposição das imagens, dizem os padres do Concilio de Nicea (Sec. IV), não está entregue ao alvedrio dos pintores, mas sim regulada pela legislação e tradição da Igreja.»

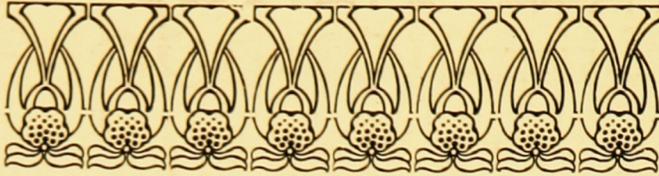
Por seu lado os grandes protectores da arte, os fundadores das igrejas, os que encommendavam os quadros e estatuas, quasi sempre determinavam o assumpto sobre que haviam de versar. Eram santos da sua devoção especial, eram os padroeiros da familia ou dos Santuarios, eram allegorias que representassem factos determinados. Isabel de Mantua, por exemplo, dictava minuciosamente a Perugino os pormenores do quadro que representa a lucta da castidade com o amor.

Hoje o artista goza de maior liberdade. Contribuem a isto as exposições, as reproduções illustradas, que facilitam a venda do quadro. Mas por seu turno a democratização da sociedade, o predominio da corrente sensualista nos costumes, rebaixa notavelmente o ideal e gosto de publico.

Daqui a frivolidade banal da arte moderna, em que tanto predominam assumptos lubricos e obscenos. E' o *ideale della porcheria* de que falla Zocchi no seu mimoso livro *L'Ideale nell'Arte*. Aos proprios millionarios que se comprazem em proteger as artes, falta o criterio e o gosto apurado que tinham os grandes senhores, cardeaes e papas dos seculos da renascença.



AGNUS.



## Oração pelo marido ausente

Ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. José Agostinho

O sol morreu nas sombras do poente,  
Sumindo-se nos alcantís da serra.  
E a noite vem cahindo lentamente  
Envolvendo em tristeza e dor a terra.

Na velha e solitaria freguezia.  
A trindades o sino já bateu,  
Mysticos coros, santas harmonias,  
Entôam os archanjos lá no céu!

Avé Maria  
A mãe orava  
Aos pés da cruz  
Ao lado o filho  
Balbuciava  
Amen Jesus!

As aves recolheram aos seus ninhos  
E dormem com os filhos socegadas,  
A pouco veem vindo p'los caminhos  
Homens do campo com suas enchadas.

E a pobre mãe  
Aos pés da cruz  
Assim orava:  
— Olhae, senhor;  
A minha dor  
Um lar sem pão.  
O pae ausente  
E eu tão doente  
Tende paixão! —

Foi-se a alegria  
Do nosso lar,  
Desde que um dia  
Deixou a terra  
P'ra não voltar...  
Lá anda agora  
Na grande guerra  
A batalhar!

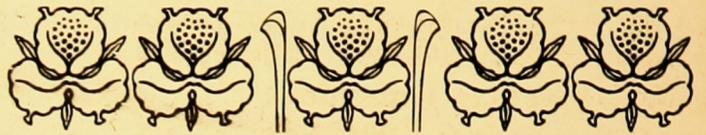
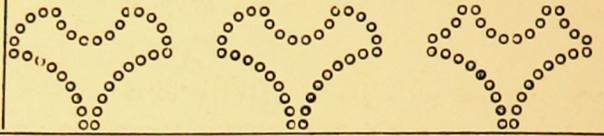
E ao lado o filho  
Balbuciava:  
Senhor, salvae  
Meu q'rido pae!

Refulgem as estrellas já no ceu  
A terra dorme sob o denso Veu  
Tudo é silencio, sombra, m'elancholia!

E pobre mãe  
Aos pés da cruz  
Inda dizia:  
Ave Maria  
Amen Jesus!

Do livro em preparação  
«Resurreição»

PAULO LOPES DA SILVA.



## Psalmo CXXVI

Feliz do que olha para o Ceu e anda  
Na via do Senhor:  
Próspera a vida lhe ha de ser e branda,  
Igual a um dia de perfeito amor.

— Porque trabalhas, viverás tranquilo,  
Farto de luz e paz.  
E tudo te irá bem, comendo aquilo.  
Que pelo esforço á terra pedirás.

Tua mulher será na tua casa  
Como frondosa vide  
Ou como pomba meiga cuja asa  
Te afague e afagos doces te convide.

Teus filhos; como novas oliveiras,  
De estranha fortaleza,  
Irão sentar-se isentos de canceiras,  
Para comer contigo, á tua meza. —

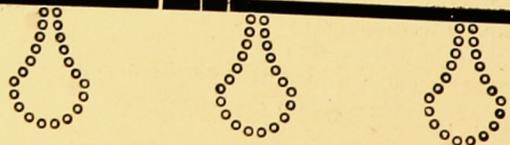
Eis como as benções descerão dos Ceus  
A todos os momentos  
Sobre a cabeça do que teme a Deus  
E cumpre dosvelado os Mandamentos

Que de Sião te envio novas graças  
E forças para o bem, :  
Feliz e honrado possas ver as praças,  
Ruas e glórias de Jerusalém;

E ver mais tarde os filhos de teus filhos,  
Fartos de pão e mel,  
Seguindo da bondade amenos trilhos,  
E ver tambem a paz sobre Israel.

Fevereiro de 1917

JOAVELINO



# Capas para os colleccionadores da "Ilustração Catholica,"

Temo-las já impressas, a 400, e pelo correio a 440 réis

## Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dols attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, 1.º em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Caselleo, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Julior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

### *Casa do Cantinho*



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

## Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

**PORTO**

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informaões

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

**José da Silva França**

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

**BRAGA**

**Fundado em 1896**

DIRECTOR

**Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga**

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

**TEIXEIRA DE ANDRADE**

*Professor na Escola Academica*

**Rua de S. Marcos, 46**

Ensina linguas para o Lyceu,

*Escola Normal e Commercio.*

# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

*Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.<sup>e</sup> Villela & Irmão

**83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91**

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**